

[.] Apresentação do Dossiê Filosofia da Linguagem (v. 4, 2023).

É comum ouvirmos falar em filosofia no singular. Falamos na origem da filosofia. Perguntamos o que é a filosofia? Para que serve a filosofia? Falamos em história da filosofia. Como se a filosofia fosse uma coisa só. Como se houvesse uma unidade de objeto de estudo, métodos e resultados. Não é o que encontramos na própria história do pensamento filosófico. Apesar de inúmeras tentativas, não chegamos a um consenso sobre o que é a filosofia. Muitas são as definições, mas não há consenso sobre o seu significado. Talvez seria mais adequado falarmos em filosofias, pois cada autor tem uma concepção distinta do objeto de estudo da filosofia, com um método distinto, com razões e a articulação entre as razões de maneira peculiar. Um olhar filosófico panorâmico e perspicuo, concomitantemente, poderia tentar buscar o que há de comum entre essas diferentes concepções de filosofia. Isso poderia ser feito à maneira de Hegel, por exemplo, para encontrar a lógica da razão histórica e o seu fio condutor englobante. Mas, o que essa filosofia do idealismo absoluto, englobante e totalizante, não permite pensar ou, até mesmo, esconde certo determinismo, exageradamente? Poderíamos, então, endossar a tarefa crítica kantiana de separar, nitidamente, filosofia e ciência, com objetos distintos e modos distintos de proceder. Mas, por mais relevante que seja, é suficiente para pensar questões relativas ao significado e ao sentido de questões atuais? Poderíamos considerar, com muita atenção, a crítica de Wittgenstein à filosofia e perceber que ela procedeu de modo semelhante à ciência, em sua busca pela universalização. Além disso, formulou problemas inadequadamente, sem possibilidade de respostas com sentido. A filosofia de Wittgenstein é uma filosofia que faz terapia, também, de doenças de que padece a filosofia, pois revela os limites e riscos de diversas formas de pensar. Poderíamos continuar com outros exemplos, mas a lista englobaria uma gama enorme de filósofos e filósofas, o que tornaria a tarefa inexecutável.

Por mais que a filosofia ou as filosofias sempre procederam, criticamente, em relação à suas próprias construções, cabe ainda o desafio de mostrar como fazem para articular a busca pela universalização dos conceitos que constroem com a

singularidade das questões que tocam profundamente a humanidade. Com as questões vividas na singularidade da existência, em situações específicas e contingentes onde o universal necessita ser interpretado para ser aplicado. Assim, as filosofias se situam em tensões trágicas contínuas no desafio de interpretar o sentido do agir humano, em suas diferentes perspectivas e a responsabilidade que decorre desse agir. Portanto, não é apenas um interpretar para compreender, mas um transformar a partir da compreensão do seu modo de ser e de agir, com a coexistência com os outros e os cuidados com a vida, não só humana, mas a vida em geral, inclusive das gerações futuras.

Nas diferentes tarefas, das diferentes filosofias, há uma diversidade e uma riqueza admiráveis, mas também inúmeras lacunas, carências e insuficiências. Ao longo de toda sua história foram várias. Mas qual teria sido a maior? Talvez, como afirma Stegmüller “É um escândalo, uma vergonha para todos aqueles que [...] se preocuparam [...] com a linguagem, não se haver chegado, há muito tempo, à descoberta feita por J. L. Austin, [...] com o auxílio de manifestações linguísticas podemos realizar os mais variados tipos de ações”.¹ Ou seja, a filosofia é prática. A filosofia é ação. O fundamento é a ação. A principal forma de agir é pela linguagem. Esse é um dos elementos centrais da filosofia contemporânea e da filosofia da linguagem.

Com a virada linguística na filosofia, a linguagem passa a ser central. O primado não é mais do ser ou do conhecer, mas da linguagem. Nesse sentido, uma das preocupações principais é o estudo da natureza e dos limites da linguagem para o significado e os sentidos dos conceitos, não mais com a contemplação, a abstração da filosofia especulativa. Há uma preocupação filosófica de buscar esclarecer o que possibilita a conciliação ou a relação entre a linguagem, o pensamento e a realidade. Para que essa relação possa ser esclarecida, é necessário entender os limites da linguagem para não comprometer a significação clara dos conceitos. A natureza e a origem do significado das palavras passam a ser fundamentais para a filosofia da linguagem. A filosofia da linguagem não parte apenas da ideia de que a linguagem influencia o pensamento. Ela é mais radical. Não há pensamento sem linguagem. O pensamento é linguagem. O pensamento se engendra linguisticamente. Poderíamos dizer que os filósofos da linguagem buscam uma sintonia fina entre pensamento e linguagem ou linguagem e pensamento. Por isso, a linguagem não é mais vista apenas como instrumento, conforme a tradição platônica ou instrumento do conhecimento e do ser, conforme Aristóteles ou a linguagem como representação do pensamento, como na filosofia moderna.

¹ STEGMÜLLER, Wolfgang. A Filosofia Contemporânea: Introdução Crítica. Volume 2. Tradução de Hauptströmungen der Gegenwartsphilosophie. São Paulo: E.P.U., 1977, p. 53-53.

A diversidade de filosofias e suas concepções estão envoltas nos desafios de desvendar os caminhos do pensamento nas trilhas da linguagem. O conjunto de textos de filosofia da linguagem, apresentados a seguir, são um pequeno exemplo da diversidade de concepções de filosofia, a partir da filosofia da linguagem. Por isso dizemos, é com grande prazer e entusiasmo que oferecemos ao público estas singulares contribuições sobre alguns temas e problemas de filosofia da linguagem. Temos, nos diversos artigos, ensaio e tradução, ricas reflexões que procuram analisar temas e problemas de filosofia da linguagem e sua relevância para a própria filosofia e para o filosofar. A diversidade de análises, dos diversos autores e autoras, sobre a linguagem é essencial para compreendermos o papel da filosofia em nossas vidas, nos diferentes contextos, envolvendo pensamento, sentimentos, conhecimento e a relação com a alteridade e com a diversidade de práticas humanas, em diferentes contextos.

O conjunto de trabalhos possibilita ao leitor se familiarizar com as principais questões filosóficas relacionadas à linguagem. Os artigos mobilizam questões históricas, retóricas, ontológicas, lógicas, dialógicas, científicas, éticas, interpretativas e muitas outras. Por isso, é um convite para mergulhar em excelentes fontes de pesquisa em filosofia, pois os trabalhos são produções a partir de textos filosóficos clássicos, com o auxílio de grandes intérpretes de temas e questões centrais de filosofia da linguagem. Cada texto traz uma contribuição original e peculiar sobre os temas investigados. Isso possibilita uma visão panorâmica e perspicua sobre temas e autores extremamente atuais e relevantes para as questões filosóficas contemporâneas.

O critério para selecionar cada um dos textos sobre filosofia da linguagem que compõem esta coletânea não foi a preferência por uma corrente filosófica específica ou autores específicos. Mas, certa concepção de filosofia que preza pela diversidade, pela pluralidade e pelo direito de considerar atual tudo aquilo que foi e é, muito mais do que apenas significativo, relevante para pensar as questões socialmente vivas. Assim, a filosofia e o filosofar podem iniciar em qualquer tempo, com qualquer um dos filósofos ou filósofas que fizeram ricas e proíferas contribuições para a filosofia, pensando as condições de sentido e de significação. O desafio de interpretar as questões filosóficas atuais e transformar a realidade desumana, desigual e violenta é um convite para todos, em todas as sociedades e culturas. Por que não começar tentando entender a polissemia e a variação semântica dos conceitos? Por que não começar analisando e interpretando questões relativas à linguagem e sua constituição? O conjunto de textos desta coletânea oferece uma seletividade perspectivista, se considerarmos o conjunto de filosofias da linguagem. Porém, esta seletividade segue o rigor e o cuidado com o que é especificamente filosófico. A transdisciplinaridade e o diálogo com outros campos do conhecimento são possíveis consequências a partir da leitura, da

interpretação e da apropriação dos significados e sentidos dos textos por parte dos leitores.

Agradecemos a todos os autores e autoras que colaboraram com esta edição, por compartilharem as suas produções e pesquisas, possibilitando a publicação deste número da revista de filosofia, Anãnsi, do Colegiado de Filosofia, da Universidade do Estado da Bahia. Nossa gratidão, também, aos leitores que passam a usufruir dessa produção intelectual e partilhar, dialogicamente, o prazer da leitura. Que este dossiê sobre filosofia da linguagem possa motivar novas pesquisas e discussões no rico, amplo e complexo campo da filosofia da linguagem.

Prof. Dr. Valério Hillesheim

Professor de Filosofia da Universidade do Estado da Bahia

Org. Dossiê Filosofia da Linguagem